

**MOTIVAÇÕES, RECURSOS E DEMANDAS: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES
BRASILEIROS EM SUAS EXPERIÊNCIAS INTERNACIONAIS**

**MOTIVACIONES, RECURSOS Y DEMANDAS: PERCEPCIONES DE ESTUDIANTES
BRASILEÑOS EN SUS EXPERIENCIAS INTERNACIONALES**

**MOTIVATIONS, RESOURCES AND DEMANDS: BRAZILIAN'S STUDENTS
PERCEPTIONS IN THEIR INTERNATIONAL EXPERIENCES**



Fernando Eduardo KERSCHBAUMER ¹
e-mail: fernando@laboralconsultoria.com.br



Marcello ROMANI-DIAS ²
e-mail: mromdias@hotmail.com



Aline dos Santos BARBOSA ³
e-mail: aline8barbosa@gmail.com

Como referenciar este artigo:

KERSCHBAUMER, F. E.; ROMANI-DIAS, M.; BARBOSA, A. S. Motivações, recursos e demandas: Percepções de estudantes brasileiros em suas experiências internacionais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023043, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.16968>



| **Submetido em:** 13/07/2022
| **Revisões requeridas em:** 15/02/2023
| **Aprovado em:** 10/04/2023
| **Publicado em:** 17/07/2023

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Positivo (UP), Curitiba – PR – Brasil. Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Administração.

² Universidade Positivo (UP), Curitiba – PR – Brasil. Professor Titular no Programa de Pós-Graduação em Administração e no Programa de Pós-Graduação em Gestão Ambiental. Doutorado em Administração de Empresas (FGV).

³ Universidade Estácio de Sá (UNESA), Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Professora Permanente no Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Empresarial. Doutorado em Administração de Empresas (FGV).

RESUMO: Este artigo procurou investigar as escolhas e os desafios encontrados pelos estudantes internacionais brasileiros, objetivando demonstrar as avaliações do estudante internacional brasileiro sobre a internacionalização da carreira, a Instituição de Ensino Superior (IES) e o orientador, no processo de internacionalização dos estudos. Este estudo qualitativo usa triangulação da literatura, com 23 entrevistas em profundidade, e mais de 500 postagens e 18 vídeos de mídias sociais. Os principais resultados encontrados são organizados na categoria de avaliações dos estudantes, indicando as motivações para o desenvolvimento de suas carreiras, o acesso a recursos para a internacionalização, dificuldades com orientadores, problemas com a adaptação e com demandas no contexto da universidade de destino, incluindo condições financeiras. Os estudantes internacionais são sensíveis e perceptivos, e compreender suas vozes permite direcionar as atividades de gerenciamento das IES, tanto nos países de destino, como nas IES de origem.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação dos estudantes. Internacionalização de estudantes. Carreira internacionalizada. Percepção dos estudantes. Avaliação da IES.

RESUMEN: *Este artículo demandó investigar las opciones y los retos enfrentados por los estudiantes internacionales brasileños, con el objetivo de demostrar las evaluaciones de los estudiantes internacionales brasileños sobre la internacionalización de la carrera, la Institución de Educación Superior (IES) y el supervisor, en el proceso de internacionalización de los estudios. Este estudio cualitativo utiliza la triangulación de literatura, con 23 entrevistas en profundidad, y más de 500 publicaciones y 18 videos de redes sociales. Los principales resultados hallados se organizan en la categoría de valoraciones de los estudiantes, indicando las motivaciones para el desarrollo de sus carreras, acceso a recursos para la internacionalización, dificultades con los asesores, problemas de adaptación y con sus requerimientos en el contexto de la universidad de destino, incluidas las finanzas. Los estudiantes internacionales son sensibles y perceptivos, y entender sus voces permite administrar las actividades de gestión de las IES, tanto en los países de destino como en las IES de origen.*

PALABRAS CLAVE: *Evaluación del estudiante. Internacionalización de los estudiantes. Carrera internacionalizada. Percepción de los estudiantes. Evaluación de la IES.*

ABSTRACT: *This article investigates the choices and challenges faced by Brazilian international students, aiming to demonstrate the Brazilian international student's assessments of career internationalization, the HEI and the supervisor, in the process of internationalization of studies. This qualitative study uses literature triangulation, with 23 in-depth interviews, and more than 500 posts and 18 social media videos. The main results found are organized in the category of student assessments, indicating the motivations for the development of their careers, access to resources for internationalization, difficulties with advisors, problems with adaptation and with demands in the context of the destination university, including financial conditions. International students are sensitive and perceptive, and understanding their voices allows directing HEI management activities, both in the destination countries and in the home HEIs.*

KEYWORDS: *Student assessment. Internationalization of students. Internationalized career. Students' perception. Evaluation of the HEI.*

Introdução

Internacionalizar o ensino é muito mais do que apenas ter alguns estudantes estrangeiros em um campus universitário. Butcher e Mcgrath (2004) defendem que internacionalizar demanda iniciativas políticas significativas e fundamentais, proporcionando uma experiência de educação internacional, exigindo receber estudantes estrangeiros e possuir um programa de intercâmbio para os estudantes, ampliando as experiências transculturais e permitindo melhor compreensão das demandas de transição dos alunos internacionais.

A internacionalização do ensino é um debate em crescimento que precisa de cuidados aos estudantes e aos professores para atingir os objetivos propostos pelas Instituições de Ensino Superior (IES) e almeçados pelos estudantes (ROMANI-DIAS, 2018). Compreender o desempenho acadêmico é fundamental para direcionar as ações institucionais e promover maior integração dos estudantes internacionais. Li, Chen e Duanmu (2010) citam que o assunto é pauta de pesquisas que envolvem não somente compreender a qualidade do curso, mas principalmente as influências acadêmicas, psicossociais, cognitivas e demográficas.

A internacionalização do ensino e a própria graduação ou os demais cursos ofertados por uma instituição de ensino são serviços, com características demonstradas por pesquisadores de marketing de serviços, como a intangibilidade e uma valoração complexa, cujo processo de decisão envolve mecanismos indiretos de avaliação, como a imagem da marca da instituição e do país de destino (CUBILLO; SÁNCHEZ; CERVIÑO, 2006). Os serviços são oferecidos em pacotes, pois além do serviço principal, sempre há serviços auxiliares atrelados a este, que costumam, inclusive, diferenciar o serviço dos ofertados por outras instituições. A maioria dos atributos dos serviços de ensino superior não pode ser notada previamente, dificultando a avaliação, sobretudo, para estudantes internacionais (CUBILLO; SÁNCHEZ; CERVIÑO, 2006). Esses autores defendem que esses serviços auxiliares podem ser promovidos por terceiros, pelo município ou pelo país, e costumam garantir a experiência e a permanência no país de destino.

A cultura do país de origem e de destino, a proficiência no idioma, a capacidade de se adaptar à metodologia aplicada, e os aspectos socioculturais podem gerar a relutância cultural e as dificuldades de participação nas aulas por parte dos estudantes (BUTCHER; MCGRATH, 2004). Há estudos (ANDRADE, 2006) sugerindo que as necessidades dos estudantes internacionais não estão sendo analisadas de forma completa pelos responsáveis educacionais.

No caso dos professores que atuam com estudantes internacionais, Nieto e Zoller Booth (2010) apontam ser necessário esse entendimento sobre a cultura e a linguagem, para poder

compreender que em uma turma com diversidade cultural, estes profissionais deverão adaptar seu estilo ou sua metodologia a diferentes formas de comportamento, perfis ou singularidades, uma vez que há estudantes com ritmos e modos de aprendizagem diferentes, que demandam métodos em que possam permanecer passivos em sala de aula, e outros que não se adaptarão a esse modelo (NIETO; ZOLLER BOOTH, 2010).

A comunidade local costuma não compreender a cultura dos estudantes estrangeiros, gerando frustração para estes (SHERRY; THOMAS; CHUI, 2010) e as universidades geralmente não apresentam interesse e dedicação às culturas dos estudantes que estão recebendo; além disso, os estudantes locais desconhecem questões culturais que podem envolver religião ou outros hábitos (SHERRY; THOMAS; CHUI, 2010). Surgem, então, diversos problemas relevantes, que envolvem solidão ou outros, da ordem de saúde, e que comprometem até mesmo a segurança física e emocional desses estudantes (BUTCHER; MCGRATH, 2004), podendo culminar com a desistência, encerrando prematuramente a internacionalização do estudante. Diante deste contexto, o objetivo deste artigo é analisar as avaliações que o estudante internacional brasileiro faz sobre a internacionalização da carreira, a Instituição de Ensino Superior (IES) e o orientador, com base em experiências de internacionalização de seus estudos. Estes resultados são parte de pesquisa com estudantes brasileiros oriundos de diferentes Universidades, que internacionalizaram seus estudos durante o doutorado ou pós-doutorado, em diversos destinos.

Metodologia

Este estudo qualitativo usa entrevistas em profundidade, com amostra intencional e roteiro semiestruturado, e análise de conteúdo em postagens e vídeos em mídias sociais, buscando explicar sobre a Internacionalização de Estudantes, e a avaliação da internacionalização do ensino, para compreender, com a análise das respostas dos entrevistados, com a análise dos demais materiais e com a percepção dos pesquisadores, o fenômeno da Internacionalização de Estudantes, triangulando literatura, análise documental e entrevistas, com conceitos metodológicos descritos por Leech e Onwuegbuzie (2007).

Uma vez que este estudo propõe compreender um fenômeno social, descrevendo e classificando comportamentos de indivíduos de forma não estatística, com inferência do olhar do pesquisador, selecionando criteriosamente os participantes e, ainda, considerando relatos nas mídias sociais, como dados complementares, a abordagem qualitativa se mostra eficiente para

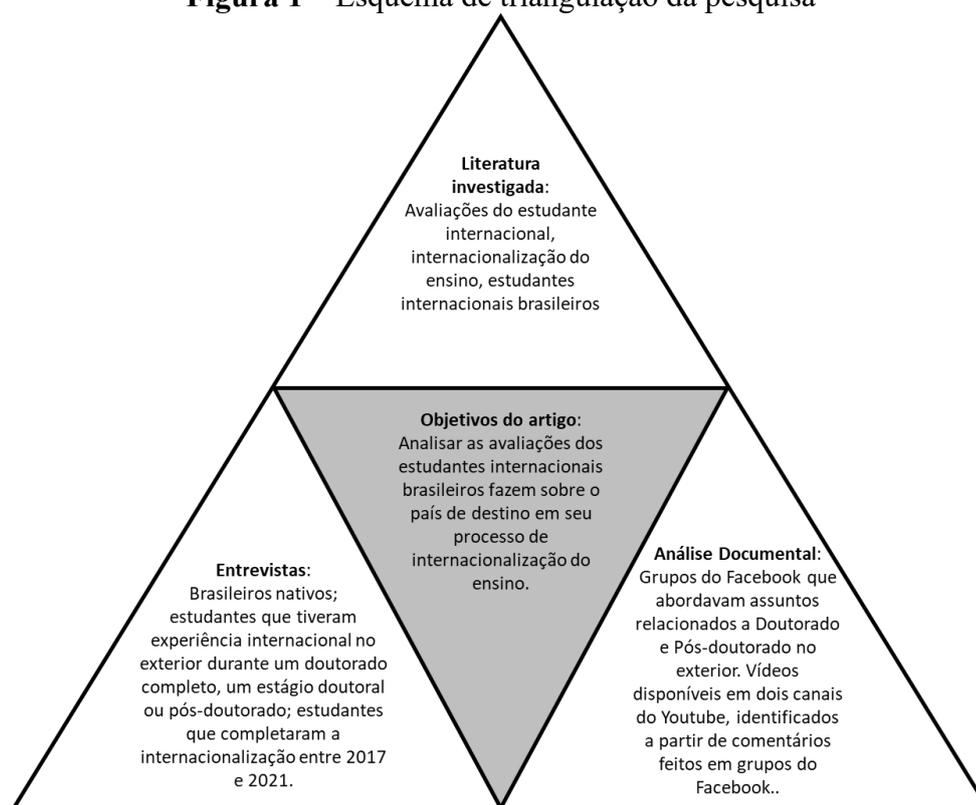
descrever o fenômeno. Esta pesquisa está centrada em estudos de caso múltiplos de nível individual, considerando cada indivíduo como um caso (ROBLES, 2001), fazendo com que as evidências para os resultados encontrados se tornem mais relevantes (YIN, 2015).

O método norteador corresponde ao exploratório-descritivo, utilizando estudos multicaseos, para os quais a lógica diz respeito à replicação de situações, e não à amostragem (ROBLES, 2001). Yin (2015) apresenta que a evidência obtida através dos multicaseos se torna mais determinante, deixando o estudo mais robusto, mais consistente. O processo de estruturação para o uso dos estudos de caso segue o método descrito por Eisenhardt (1989).

O fenômeno da Internacionalização de Estudantes é social e complexo, demandando estudos qualitativos que utilizam entrevistas em profundidade (CORBIN; STRAUSS, 2014), que permitem compreender o significado desse fenômeno pelos envolvidos na prática. A experiência dos entrevistados possibilita compreender diversos aspectos práticos do fenômeno social (MILES; HUBERMAN, 1994). A construção do modelo de pesquisa visa identificar fatores relevantes para a internacionalização de estudantes e compreender a vivência e os fatores que impactaram suas decisões, no nível individual de análise.

Para atender ao objetivo proposto, foi conduzida uma pesquisa qualitativa tendo como principais fontes de evidências (Figura 1): entrevistas em profundidade, documentos e materiais audiovisuais, além de elementos da literatura. Realizamos 23 entrevistas em profundidade e analisamos mais de 500 postagens e 18 vídeos publicados em mídias sociais, contemplando mais de 20 diferentes destinos vivenciados pelos estudantes internacionais brasileiros.

Figura 1 – Esquema de triangulação da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores

Foram incluídos estudantes que direcionaram seus estudos nos Estados Unidos da América (EUA), no Reino Unido e no Canadá, principais destinos para a internacionalização (OPEN DOORS, 2020). A validade externa é proporcionada pelos critérios ou variáveis utilizados na seleção dos entrevistados, ampliando a quantidade de perspectivas válidas (PATTON, 2014), montando amostra derivada teoricamente. A primeira etapa de coleta de dados envolveu a realização de 23 entrevistas em profundidade, gravadas e transcritas na íntegra para análise, com roteiro semiestruturado por questões abertas (CORBIN; STRAUSS, 2014), realizadas no ano de 2021, verificadas por comitê de ética com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com a participação de 11 homens e 12 mulheres, com duração média de 52 minutos.

A segunda etapa de coleta envolveu os documentos analisados, na forma de postagens disponíveis em mídias sociais. Coletamos dados acessíveis em 40 grupos públicos e privados do *Facebook* sobre Doutorado e Pós-doutorado no exterior, compostos por cerca de 800 mil estudantes brasileiros. Foram analisadas mais de 500 postagens que tiveram em torno de 25 mil interações dos tipos *like* e comentário (Figura 2). Coletamos, também, vídeos disponíveis em 2 canais do *YouTube* com cerca de 700 inscritos, identificados a partir de comentários nos grupos

de *Facebook*, identificando 18 vídeos, publicados entre 2019 e 2020, que foram visualizados mais de 8.300 vezes, e com 668 interações dos tipos *like* e comentário (Figura 3). As mídias sociais permitiram, em nosso estudo, o aumento no número de países e experiências de internacionalização, possibilitando a exploração tanto da linguagem falada quanto da escrita, contribuindo para a validade interna de nossa investigação (YIN, 2015).

Figura 2 – Dados coletados de Mídia Social



Fonte: Elaborado pelos autores

Figura 3 – Dados coletados em vídeos de Mídia Social



Fonte: Elaborado pelos autores

Para estruturar o referencial teórico, foram realizados levantamentos sistemáticos, por meio da construção de planilha com os tópicos relevantes no contexto de artigos pesquisados, e a construção de mapas mentais com o termo de pesquisa, desmembrado em itens principais, e decompondo com a inclusão dos tópicos específicos, identificados na referida planilha. Assim, temos um caminho de detalhes que podem compor o referencial teórico sobre a Internacionalização de Estudantes e sobre a Internacionalização de Estudantes Brasileiros.

Os dados foram tratados por meio da análise temática de conteúdo. Partimos de uma codificação aberta, por meio da leitura das entrevistas, gerando novos códigos para a análise (MILES; HUBERMAN, 1994). Em etapa final de codificação, do tipo axial e seletiva (GLASER; STRAUSS, 2017), realizamos, em diversas rodadas, um refinamento dos códigos gerados. Para fins confirmatórios da codificação, as postagens e os vídeos das mídias sociais

foram coletados e analisados de acordo com os códigos que já haviam sido identificados por meio das entrevistas.

Foram estabelecidos procedimentos de controle para que a coleta, codificação, classificação e análise dos dados ocorresse de modo fidedigno (MILES; HUBERMAN, 1994), com a análise qualitativa de dados. Assim, a codificação dos dados foi aberta, identificando termos e conceitos-chave para a análise, bem como a consistência dos conceitos, e construídas categorias mais profundas e abstratas ou analíticas (CORBIN; STRAUSS, 2014).

Estudantes Internacionais

Os planos futuros dos estudantes internacionais variam bastante. Ward e Masgoret (2004) citam que pouco mais da metade planeja permanecer no país de destino após a conclusão do curso, seja para realizar outro curso, ou desenvolver carreira. Outros planejavam voltar para casa e continuar os estudos, ou aplicar na carreira no país de origem, e alguns ainda pensavam em procurar empregos em países diferentes da origem ou dos estudos (WARD; MASGORET, 2004). Fato interessante, segundo os autores, é que a grande maioria é mais propensa a continuar seus estudos, ao invés de aplicar os conhecimentos para empregos.

A experiência educacional dos estudantes internacionais é um dos principais motivadores desses estudantes, e assim, como alguns estudantes se sentem completamente incluídos, há também os que se sentem parcialmente integrados, e aqueles que não experimentaram a sensação de inclusão. Essa experiência dependerá, também, de ambos, país de origem e país de destino, da instituição, além de condições pessoais dos estudantes (WARD; MASGORET, 2004).

Escolher o país de destino é descrito como uma consequência de fatores sociais, das condições do meio, das expectativas e intenções, e de elementos que ampliem a imagem do destino, seja o país, a instituição, ou outros ambientes, demonstrando as possibilidades e vantagens do processo de internacionalização (BÖRJESSON, 2017; CUBILLO; SÁNCHEZ; CERVIÑO, 2006).

Börjesson (2017) demonstra uma estrutura tripolar básica, revelando o espaço global dos estudantes, sendo os EUA o país que mais recebe estudantes internacionais; Austrália, Japão e Coréia do Sul, outros importantes destinos, e China o país que mais envia estudantes para outros países. A escolha do país de destino é influenciada por fatores de mercado, de colonização e de proximidade (BÖRJESSON, 2017). Compreender os motivos para escolha do país de destino permite analisar os objetivos iniciais, e as razões de modificarem os seus

objetivos com o passar do tempo. Hazen e Alberts (2006) citam que estudantes foram aos EUA motivados pelas melhores oportunidades educacionais ofertadas, e pelas melhorias nas oportunidades de emprego em seus países de origem.

As mudanças de intenções evidenciam aspectos relevantes, como o uso dos estudos de ponte para permanência posterior no país. Hazen e Alberts (2006), relatam que a maioria dos estudantes não vai aos EUA com a intenção de permanecer no país, mas a grande maioria mudou de ideia ao longo do percurso. Essa mudança ocorre nos dois sentidos, tanto gerando uma permanência maior, quanto gerando o encurtamento da permanência inicialmente planejada, levantando questões sobre as razões que influenciam nas mudanças de intenção.

A imagem do país é a primeira fonte para avaliação e decisão por adquirir um serviço (CUBILLO; SÁNCHEZ; CERVIÑO, 2006). Cubillo, Sánchez e Cerviño (2006) citam que a mesma imagem do país percebida para a qualidade de produtos pode ser evidenciada quando da prestação de serviços educacionais, levando estudantes primeiro a escolher o país, para posteriormente decidir pela instituição de ensino. Isso é evidenciado inclusive pelo exposto por Börjesson (2017) sobre o fluxo vindo de muitos países para alguns países ricos, principalmente de língua inglesa. A cidade também é um ponto importante no contexto decisório do serviço, por ser o ambiente onde ele é produzido e consumido e, por vezes, cidades sobressaem ao país e à instituição de ensino como referências de cultura, idioma e ensino (CUBILLO; SÁNCHEZ; CERVIÑO, 2006).

A imagem da instituição pode ir muito além da sua qualidade de ensino, dependendo de avaliações e informações, marketing, experiências e relatos que determinam características particulares que poderão ser analisadas pelos estudantes (CUBILLO; SÁNCHEZ; CERVIÑO, 2006). Fatores externos, como a vida social na universidade e seu entorno, também contribuem para essa percepção, em conjunto com a estrutura física, a disponibilidade tecnológica e as instalações em geral.

O recrutamento de estudantes internacionais possui diferentes motivadores, sendo o principal deles econômico, mas com grande importância para a educação e compreensão intercultural, em meio aos efeitos da globalização, permitindo entender a diversidade e questões globais (ANDRADE, 2006). Andrade (2006) cita que os países usufruem das habilidades dos estudantes que optam por permanecer no país, em áreas de seu interesse, e a convivência dos estudantes domésticos com esses estrangeiros resulta positivamente para transferir conhecimento.

Serviços associados à permanência (serviços de instalações institucionais, de saúde, de acomodação, de orientação vocacional, de informática e de apoio à aprendizagem) impactam na decisão e na permanência até o final do programa, embora, por vezes, os estudantes nem saibam dizer se tais serviços eram oferecidos ou não pela instituição (WARD; MASGORET, 2004).

E, claro, a avaliação do programa de ensino, e sua adequação, compreendem um fator de extrema relevância, correspondendo a um elemento que será comparado pelos estudantes para a escolha, analisando a qualidade, o reconhecimento internacional, a disponibilidade, os requisitos de entrada, os custos e a possibilidade de apoio financeiro (CUBILLO; SÁNCHEZ; CERVIÑO, 2006).

Os números de estudantes internacionais são surpreendentes, mas chama a atenção as dificuldades para identificar estudos que tratem especificamente da Internacionalização de Estudantes brasileiros. O Brasil está entre os dez que mais enviam estudantes terciários para o exterior, com 81.882 brasileiros (UNESCO, 2021), é uma das doze maiores economias do mundo, o sexto mais populoso, e quinto mais extenso (IMF, 2021). A *Organization for Economic Co-operation and Development* (OECD, 2021) menciona que o maior fluxo de estudantes internacionais (67%) vem de países em desenvolvimento, dentre eles o Brasil. Torna-se, portanto, fundamental melhor compreendermos as escolhas feitas por estudantes internacionais oriundos deste importante *player* global.

As experiências dos estudantes internacionais brasileiros demonstram ser relevantes para o entendimento sobre suas escolhas (HAZEN; ALBERTS, 2006), demandando compreender quais são os motivadores, e as avaliações que estes estudantes fazem sobre o processo de internacionalização. O Brasil tem mais de 6 milhões de estudantes internacionais, tendo apresentado um crescimento superior a sete vezes em cinco décadas (OECD, 2021; UNESCO, 2015), e deve superar a marca dos 8 milhões de estudantes internacionais até o ano de 2025 (OECD, 2021). É necessário dar voz aos estudantes internacionais brasileiros, que não estão sendo abordados nos diversos estudos sobre a internacionalização do ensino, uma vez que a representatividade de estudantes internacionais oriundos do Brasil é expressiva, e essa voz poderá auxiliar novos estudantes em sua jornada internacional.

Avaliação da internacionalização de carreira e do país de destino

Inicialmente, tratamos da percepção dos estudantes brasileiros sobre a internacionalização de sua carreira durante seu período de estudos. Estas avaliações podem ser positivas ou negativas, e seguindo os preceitos da Teoria do Comportamento Planejado (AJZEN, 1985), influenciam nas decisões dos estudantes sobre internacionalizar seus estudos ou mantê-los domésticos. Como exemplo, a entrevistada Jane traz uma visão positiva sobre o que a internacionalização poderia trazer para sua carreira: *“Fui fazer o Estágio Doutoral porque eu sempre quis estar onde estou hoje. Fiz porque eu queria ser professora de Doutorado.”*

Da mesma forma, o entrevistado Adam explica que *“depois do doutorado, não só na França, mas em outros países da Europa, ou mesmo voltando para o Brasil, eu vi as minhas possibilidades expandindo, comparando com o cenário de ter continuado no Brasil”*, e Loren afirma que *“apesar do custo alto, vale a pena o sacrifício, abre muitas portas depois, estou voltando para o meu pós-doutorado, e estou muito feliz por ter dado certo”*. Diego também relata sobre sua experiência em Boston:

Estou achando surpreendente. Algumas coisas são muito contrastantes com o Brasil. No Brasil temos que fazer muita improvisação, tem que esperar bastante para ter reagente ou amostra. Aqui em Boston as coisas são muito disponíveis. Você pode planejar o que você vai fazer, seu experimento, seus objetivos. Você só tem que pensar na sua ideia e se você quer seguir, você vai fazer muito facilmente (Diego, em vídeo de mídia social).

Apesar das falas positivas, há *tradeoffs* desafiadores envolvidos neste processo, especialmente em situações de carreiras já consolidadas, como no caso de Beth (em entrevista), que teve como destino a Inglaterra: *“Quando você está empregada em seu país de origem, com um salário, e ajudando sua família, com uma carreira ascendente em seu país, viver de novo com bolsa no exterior significa abrir mão de uma segurança que já se tem.”*

De acordo com Mesidor e Sly (2016), o ajuste ao ambiente acadêmico é um dos primeiros aprendizados do estudante internacional. As avaliações positivas ou negativas sobre a internacionalização podem decorrer do apreço do estudante às mudanças de vida trazidas por esta experiência. A experiência internacional pode fazer a diferença na vida do estudante e de pessoas à sua volta, e seu papel é transformador, já que a educação promove mudança e adaptação. Esta transformação pode ser interpretada como algo com predominância de recompensas ou de custos, como destaca-se na fala de Leo (em vídeo de mídia social): *“O contraponto é que você tem que trabalhar muito, os estudantes daqui são muito bons, então*

temos que suar a camisa. Não tem vida fácil para ficar no mesmo nível que os estudantes daqui.”.

A avaliação sobre o país de origem é decisiva na escolha pela internacionalização. Hazen e Alberts (2006) citam a demanda por compreender os motivos que levaram o aluno a internacionalizar seus estudos no país de destino escolhido, permitindo analisar os objetivos propostos inicialmente, e as razões deles se modificarem com o passar do tempo. Melanie, em entrevista, cita que: *“uma motivação é a ambição por estar próxima de pessoas em universidades de ponta, e outra, é a deterioração e falta de incentivo para a carreira no Brasil”.*

Sobre o país de destino, a avaliação que o estudante faz é tão importante para a escolha quanto o apreço pela internacionalização em si. Peter, em entrevista, cita que *“o país e a região de Boston, com suas instituições, eram o conjunto perfeito”.* As postagens realizadas pelos estudantes brasileiros nas mídias sociais indicam que parte substancial da avaliação do país, positiva ou negativa, é feita no próprio local, isto é, após o início de seus estudos no exterior, conforme relatam alunas com experiências na Espanha e em Portugal:

Faço Doutorado em Universidade espanhola. É um choque de realidade. Nós brasileiros temos um país rico, amistoso, porém, mal administrado, e nos faltam coisas básicas de infraestrutura e nas relações sociais. Não estou aqui para dizer que a Europa ou os Estados Unidos são melhores que o Brasil, mas temos muito o que aprender (Julia, em postagem em mídia social).

Morei na cidade do Porto durante um ano. Eu me incomodava muito com o assédio que sofria quando percebi que eu era brasileira. As brasileiras têm fama de serem fáceis e "quentes". Eu morava sozinha em Portugal (Marie, em postagem em mídia social).

A escolha por internacionalizar o ensino geralmente está ligada a perspectivas profissionais futuras, seja no retorno ao país de origem, ou ainda, em outros casos, na própria permanência no país escolhido para o desenvolvimento dos estudos (SMITH; KHAWAJA, 2011). Aspirações pessoais também são descritas nas decisões, como Bill, em entrevista, que afirma que: *“Estados Unidos e Canadá não eram de meu interesse, por já ter tido experiências anteriores nesses países e por já ter domínio sobre o inglês”.*

Para Joana, em vídeo de mídia social, *“o acesso ao conhecimento faz produzir novos conhecimentos de excelência, e que geram impacto social”*, assim como Tod, em vídeo de mídia social, que considera *“engrandecedora a possibilidade de estar em outro país, conhecendo situações novas, aprendendo o idioma, a cultura e desenvolvendo a produção científica também para o seu país de origem”.* Geralmente, espera-se que tanto os conhecimentos

específicos da área de estudos escolhida, como ainda o aperfeiçoamento do idioma, e as experiências interculturais, permitam um melhor desenvolvimento posterior das atividades profissionais (CUBILLO; SÁNCHEZ; CERVIÑO, 2006).

Em postagens em mídia social, Ana afirma ter *“ficado impressionada com os recursos, equipamentos e estrutura na Irlanda”*, enquanto Mike expõe que *“a experiência é muito válida, não só para o doutorado, como para a vida, pois há demanda de ajustes em diversas áreas, inclusive com as finanças”*, convergindo com os relatos de Adam, em entrevista, que cita: *“queria expandir, conhecer, sair, viajar, aprofundar nessa cultura que não era a minha, como motivação pessoal”*.

Hazen e Alberts (2006) destacam ser comum a motivação dos estudantes estar centralizada nas melhores oportunidades educacionais do país de destino. Os fatores culturais, apesar de trazerem cenários diferentes, trazem luz para a importância dos fatores ambientais na adaptação do estudante internacional. Para Yoon e Portman (2004), estes fatores podem ser exemplificados em situações de preconceito ou discriminação, relacionamentos superficiais, e outros fenômenos que podem ocasionar situações estressantes. A comunidade local, para Sherry, Thomas e Chui (2010), costuma não compreender a cultura dos estudantes estrangeiros, gerando frustração e desconforto para eles. Tom relata, em postagem em mídia social, que: *“um amigo brasileiro foi fazer Doutorado em Portugal e sempre chamavam ele de macaco”*, evidenciando o preconceito como um dos principais desafios enfrentados por estudantes internacionais brasileiros, o que também pode estar associado à sua etnia e aspectos culturais em geral.

Avaliação da IES de destino e do orientador

Adentrando nas avaliações mais específicas feitas pelos estudantes, temos aquelas de nível organizacional, neste caso representada pela IES de destino, e de nível individual, que se refere ao orientador no país de destino. Os relatos trazidos por brasileiros ilustram bem suas visões sobre as instituições estadunidenses que os receberam, como nos relatos de Sarah em vídeo de mídia social: *“Os professores são bem abertos, têm muita disponibilidade, e isso me impressionou muito, porque achamos que os professores daqui, por serem renomados, serão muito distantes. Mas na verdade eles são super disponíveis. São muito bons.”* e Paul, também em vídeo, relata: *“As Universidades daqui são muito boas. Até as piores são melhores ou do mesmo nível que as do Brasil. Compensa vir, mesmo se for para a pior. Tem chance de financiamento que não tem no Brasil e o orientador daqui é ótimo, é conhecido na área.”*

Os relatos dos estudantes brasileiros retratam experiências contrastantes vividas em seus estudos no Brasil em comparação com seus estudos nos Estados Unidos, e as avaliações substanciais dos estudantes ocorrem no próprio local de destino, o que nos leva a perceber um baixo nível de informação sobre o país e IES de destino, prévio à experiência internacional. Em convergência a este resultado, Cubillo, Sánchez e Cerviño (2006) argumentam que a maioria dos atributos dos serviços de ensino superior não pode ser notada previamente à experiência do estudante, dificultando a avaliação, sobretudo, para estudantes internacionais. Sobre o suporte institucional e individual, podemos considerar o exposto por Robbie:

Encontre um professor que faz pesquisa na sua linha em uma universidade bem-conceituada. Envie seu currículo e sua proposta de pesquisa, encaixando bem com o que ele faz. Ele pode ter verba de projeto para bancar seu intercâmbio, ou conseguir verba junto à universidade ou governo. Para mim deu certo. Se ele tiver dinheiro e achar que você pode contribuir de modo significativa com o projeto de pesquisa dele, poderá te financiar (Robbie, em postagem em mídia social).

Os relatos de Paul e Robbie enfatizam os aspectos financeiros avaliados pelos estudantes interessados em internacionalização. Mesidor e Sly (2016) mostram que as finanças estão entre as maiores barreiras para a internacionalização dos estudantes, mesmo eles renunciando a dinheiro ou maior conforto em prol dos objetivos internacionais. Romani-Dias e Carneiro (2019) destacam o agravamento desta condição para brasileiros, pela fragilidade cambial da moeda, em especial, quando o destino pretendido são países da Europa Ocidental ou Estados Unidos, locais de câmbio valorizado.

Há outras necessidades para o suporte ao processo de internacionalização. Wendy, em entrevista, expõe que: “*a professora, como orientadora, nunca me orientou, mas eu também não reclamo, porque ela nunca foi uma pedra no meu sapato. Foi muito neutra, eu podia fazer o que quisesse, mas também não tinha orientação, tinha que buscar por fora*”. De forma distinta, Jones demonstra demandas importantes dos estudantes:

Não foi só pelo tema, mas pela trajetória e origem também. Era importante para a Universidade, por ser muito inclusiva, e eu ser de origem Latina. O tema de pesquisa foi fundamental, por estar pesquisando algo na fronteira científica que estivesse alinhado com a agenda de pesquisa do curso em que realizei o meu estágio doutoral (Jones, em entrevista).

Esse conforto ofertado pela IES e orientador motiva os estudantes. Jason, em entrevista, relatou que “*o orientador é solícito, é uma referência na área, mas está sempre disponível para*

me atender”. Mas nem sempre os relatos sobre o orientador são positivos ou neutros, Hilary, em entrevista, comentou que *“a conversa com o possível orientador foi extremamente negativa, não gostei nada do que ele falou. Foi motivo inclusive para que eu desistisse dessa universidade”*. Por outro lado, a visão sobre cobrança é clara em alguns relatos, como o de Henry, em entrevista, que afirma que *“não teria dificuldades com o idioma, para ir para os EUA, mas sabia que se caísse lá, em qualquer universidade, seria obrigado a entrar na linha de pesquisa do orientador e escrever dois artigos antes da tese, e conheço as minhas limitações.”*.

Mesmo diferentes, os relatos demonstram a latência das necessidades dos estudantes, e o alinhamento com as instituições de ensino. Estas necessidades variam com a cultura do país de origem e de destino, com a proficiência no idioma, a capacidade de se adaptar à metodologia, além dos aspectos socioculturais, e muitas vezes podem prejudicar o desenvolvimento do estudante (BUTCHER; MCGRATH, 2004).

Conclusões e Recomendações

Este estudo teve como objetivo identificar quais as avaliações do estudante internacional brasileiro sobre a internacionalização da carreira, e sobre a IES e o orientador, no processo de internacionalização de seus estudos, procurando identificar aspectos que possam, ao mesmo tempo, dar voz aos estudantes e promover informações para o ajuste das IES em seu gerenciamento dos processos de internacionalização.

Os principais resultados identificados indicam que os estudantes são motivados por aplicar a processos de internacionalização para o desenvolvimento de suas carreiras, mas muitos deles identificam dificuldades para a aplicação desta carreira aqui no Brasil, sendo, por vezes, desde o início, motivados a buscar meios para ampliar a sua permanência com a atuação profissional no país de destino, mas não desconsiderando que o seu retorno para o Brasil poderá ser mais promissor do que seria sem a internacionalização.

Também, ao longo do processo de internacionalização, os estudantes identificam facilidades para acesso a recursos e conhecimento, mesmo quando os professores orientadores não se apresentam muito solícitos, e isso permite ampliar o desenvolvimento das atividades que envolvem a aquisição de conhecimento.

Temos, como constatação, que o ambiente da Universidade e seu entorno devem estar organizados de modo a proporcionar o ajuste dos estudantes, considerando que há um

desconforto natural por estar fora de casa, convivendo com cultura e idiomas diferentes, e ainda com condições financeiras que, muitas vezes, prejudicam a sua estada ou o desenvolvimento dos estudos. O estudante carece, por vezes, de suporte por parte da IES, assim como do município e do país de destino.

Um aspecto importante a ser considerado pelas IES, é que em virtude das expectativas e da quantidade de novidades encontradas pelos estudantes internacionais, eles se mostram mais sensíveis e mais perceptivos, olhando em detalhes para os pontos positivos, mas também sendo mais críticos com os pontos negativos encontrados. Compreender os aspectos da avaliação dos estudantes internacionais brasileiros mais a fundo, permite, então, direcionar as atividades de gerenciamento das IES, tanto nos países de destino, como nas IES de origem, para que se possa ampliar a troca de conhecimento promovida pela internacionalização, uma vez que além de enviar estudantes, a IES deve também os receber e os acolher, para que as possibilidades sejam ampliadas e para que o ensino internacional possa melhor cumprir sua missão social.

REFERÊNCIAS

AJZEN, I. From intentions to actions: A theory of planned behavior. *In: Action control*. Berlin, Heidelberg: Springer, 1985. p. 11-39.

ANDRADE, M. S. International students in English-speaking universities: Adjustment factors. **Journal of Research in International education**, v. 5, n. 2, p. 131-154, 2006.

BÖRJESSON, M. The global space of international students in 2010. **Journal of Ethnic and Migration studies**, v. 43, n. 8, p. 1256-1275, 2017.

BUTCHER, A.; MCGRATH, T. International students in New Zealand: Needs and responses. **International Education Journal**, v. 5, n. 4, p. 540-551, 2004.

CORBIN, J.; STRAUSS, A. **Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory**. [S. l.]: Sage publications, 2014.

CUBILLO, J. M.; SÁNCHEZ, J.; CERVIÑO, J. International students' decision-making process. **International Journal of Educational Management**, 2006.

EISENHARDT, K. M. Building Theories from Case Study Research. **The Academy of Management Review**, v. 14, n. 4, p. 532-550, 1989. DOI: 10.2307/258557.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research**. [S. l.]: Routledge, 2017.

HAZEN, H. D.; ALBERTS, H. C. Visitors or immigrants? International students in the United States. **Population, Space and Place**, v. 12, n. 3, p. 201-216, 2006.

INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). **Staff country reports (Brazil)**. 2021. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/CR/Issues/2021/09/22/Brazil-2021-Article-IV-Consultation-Press-Release-Staff-Report-and-Statement-by-the-466076>. Acesso em: 10 nov. 2022.

LEECH, N. L.; ONWUEGBUZIE, A. J. An array of qualitative data analysis tools: A call for data analysis triangulation. **School psychology quarterly**, v. 22, n. 4, p. 557, 2007.

LI, G.; CHEN, W.; DUANMU, J.-L. Determinants of international students' academic performance: A comparison between Chinese and other international students. **Journal of studies in international education**, v. 14, n. 4, p. 389-405, 2010.

MESIDOR, J. K.; SLY, K. F. Factors that contribute to the adjustment of international students. **Journal of international students**, v. 6, n. 1, p. 262-282, 2016.

MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis: An expanded sourcebook**. [S. l.]: Sage publications, 1994.

NIETO, C.; ZOLLER BOOTH, M. Cultural competence: Its influence on the teaching and learning of international students. **Journal of Studies in International Education**, v. 14, n. 4, p. 406-425, 2010.

OPEN DOORS. **Report on International Education**. [S. l.]: Institute of International Education. Annual Releases, 2020. Disponível em: <https://opendoorsdata.org/>. Acesso em: 18 dez. 2021.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). **Education at a glance**. 2021. Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/education/data/education-at-a-glance_eag-data-en. Acesso em: 10 nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **UNESCO Institute for Statistics**. 2015. Disponível em: https://en.unesco.org/sites/default/files/1-4_growth_international_students.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Global flow of tertiary level students**. 2021. Disponível em: <http://uis.unesco.org/en/uis-student-flow>. Acesso em: 10 nov. 2022.

PATTON, M. Q. **Qualitative research & evaluation methods: Integrating theory and practice**. [S. l.]: Sage publications, 2014.

ROBLES, L. T. **A prestação de serviços de logística integrada na indústria automobilística no Brasil: em busca de alianças logísticas estratégicas**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ROMANI-DIAS, M. **Internationalization in higher education: the fundamental role of faculty**. 2018. Tese (Doutorado) - Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2018.

- ROMANI-DIAS, M.; CARNEIRO, J. Internationalization in higher education: faculty tradeoffs under the social exchange theory. **International Journal of Educational Management**, 2019.
- SHERRY, M.; THOMAS, P.; CHUI, W. H. International students: A vulnerable student population. **Higher education**, v. 60, n. 1, p. 33-46, 2010.
- SMITH, R. A.; KHAWAJA, N. G. A review of the acculturation experiences of international students. **International Journal of intercultural relations**, v. 35, n. 6, p. 699-713, 2011.
- WARD, C.; MASGORET, A.-M. **The experiences of international students in New Zealand**. Report on the Results of a National Survey. Wellington: Ministry of Education, 2004.
- YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. [S. l.]: Bookman editora, 2015.
- YOON, E.; PORTMAN, T. A. A. Critical issues of literature on counseling international students. **Journal of Multicultural Counseling and Development**, v. 32, n. 1, p. 33-44, 2004.

CRedit Author Statement

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Foi consultado o comitê de ética da instituição envolvida, e todos os trâmites foram seguidos.

Disponibilidade de dados e material: Os dados e materiais encontram-se disponíveis com os pesquisadores, não tendo sido disponibilizados em redes públicas.

Contribuições dos autores: Todos os autores contribuíram nas diversas etapas de coleta e análise dos dados, bem como no desenvolvimento e revisões do artigo.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

